

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



1290005483



FE

TCC/UNICAMP B862o

FLÁVIA BUENO

**O QUE ESTA MENINA TEM A NOS DIZER?
OS TIRINHAS DA "MAFALDA" E OS DILEMAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

PREZADO LEITOR

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado pois se houver qualquer dano (rabisco, recorte, etc.) ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.

A DIREÇÃO

**CAMPINAS
2010**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

159231102

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

FLÁVIA BUENO

**O QUE ESTA MENINA TEM A NOS DIZER?
OS TIRINHAS DA "MAFALDA" E OS DILEMAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de licenciada em pedagogia, sob orientação da Prof. Dra. Débora Mazza.

**CAMPINAS
2010**

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	TCU
	07620
V:	EX:
Tombo:	5483
PROC.:	13011
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	14/04/11
COD. TÍTULO:	76004

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

B862o Bueno, Flávia.
O que esta menina tem a nos dizer? As tirinhas da "Mafalda" e os dilemas da sociedade contemporânea / Flávia Bueno. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientadora: Ana Lúcia Goulart de Faria.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Quino. 2. Sociedade contemporânea. 3. História em quadrinhos. I. Faria, Ana Lúcia Goulart de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

11-044-BFE

À obra de Quino, que merece ser contemplada.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Consuelo, que compartilha comigo todos os meus sonhos, uma mulher admirável.

Ao meu pai, Valentim, que sempre me traz à realidade, um verdadeiro herói.

Aos meus irmãos Renata e Fernando, que são os elos mais fortes com a minha maravilhosa infância.

À minha grande amiga Carolina, sem ela não seria possível tornar minha graduação um período tão especial na minha vida.

Às minhas amigas da *faculdade*, Renata, Natália, Adriana e Thamires pelos momentos compartilhados.

Ao Luiz Henrique, pela cumplicidade.

Às minhas professoras, que desde muito cedo foram minhas referências de mulheres emancipadas e emancipadoras.

À Professora Ana Lúcia, segunda leitora deste trabalho que me despertou fascinantemente para a educação de crianças pequenas.

À minha Professora e orientadora Débora Mazza, por compartilhar comigo a realização deste projeto e por tornar a pesquisa em ciências humanas admiravelmente mais humana.

“Os autores mais originais dos últimos tempos não o são por trazerem algo de novo, mas somente por serem capazes de dizer as coisas como se nunca tivessem sido ditas antes”
(Johann Wolfgang Von Goethe)

RESUMO

Este breve estudo tem como propósito refletir, a partir da personagem MAFALDA de Quino, sobre a realidade contemporânea. Concebendo esta obra como monumento histórico, no qual sugere-se reflexões dos dilemas da sociedade desde o período de sua criação na década de 1960 até os dias atuais.

Com isso, este trabalho apresenta condições para a compreensão de aspectos específicos do real tratado pelas tiras.

Portanto considera-se possível, a partir de um aprofundamento na análise do universo da Mafalda, uma aproximação da realidade, sistematizando alguns elementos que consideramos fundamentais para produzir conhecimento sobre determinado tempo histórico, formas de viver, modos de sentir e maneiras de relacionar-se.

Palavras-Chave: Quino; Sociedade Contemporânea ;História em quadrinhos;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I – O autor e sua obra	05
CAPÍTULO II – A pesquisa	16
CAPÍTULO III – O que esta menina tem a nos dizer?	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Surgida na década de 60, na Argentina, a personagem Mafalda, de Joaquín Lavado, o Quino, tornou-se símbolo de um período de grandes fomentações políticas e culturais que compreenderam as décadas de 60 e 70 na América Latina, pelo discurso contestatório e por refletir as inquietações políticas, sociais e culturais da classe média argentina.

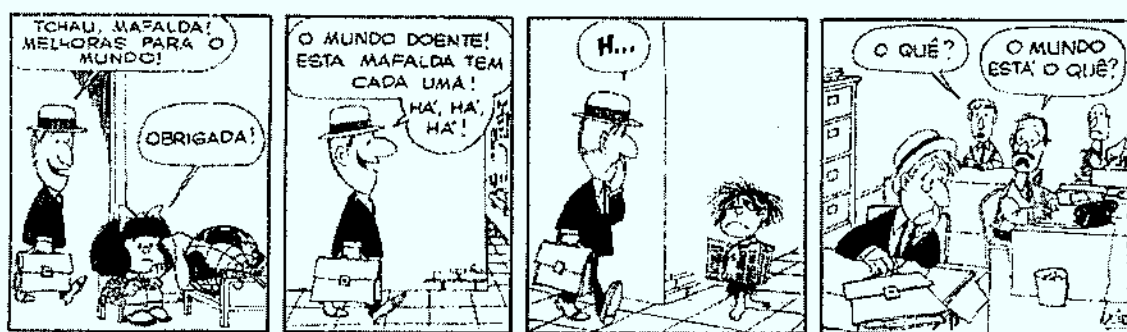
Reconhecendo as tiras Mafalda como uma obra de arte característica do século XX, faz-se a tentativa de compreendê-la à luz das ciências sociais e da educação, elaborando hipóteses sobre a sua aproximação do real. Para Adorno (1985), a arte moderna, neste caso a obra de Quino intitulada Mafalda, caracteriza-se por não aceitar qualquer tentativa de inserção a parâmetros socialmente determinados e aceitáveis, é neste sentido que define-se como uma “antítese social da sociedade”, pois despreza estruturas pré-concebidas, rejeitando modelos políticos e éticos que possam determinar previamente sua forma.

“A obra artística tem uma relação mediata com a realidade histórico-social em que foi produzida. Como forma particular imprimida a uma matéria específica, essa relação não é mera extensão ou expressão imediata das condições sociais que permitem engendrã-la. Como momento particular e, portanto, qualitativamente diferenciando do todo, ela não fica reduzida a reafirmá-lo no que tem de mais geral, mas é sua negação. Mas não é negação formal, externa, e sim negação plena do conteúdo social.” (ADORNO, 1985, p. 20)

Mafalda fascina por sua inserção no mundo adulto, refletindo as tendências de uma juventude inquieta, uma menina contestadora e crítica capaz de refletir os costumes da sociedade latina urbana, sendo considerada uma heroína de sua época. De uma inteligência incomum, questiona valores e emite juízos de maneira incisiva, apresentando a imagem de uma criança .



A escolha desta personagem como objeto de estudo relaciona-se diretamente com as reflexões provocadas pela leitura de diferentes histórias e o sentimento que estas suscitam no imaginário dos leitores. Portanto considera-se possível, a partir de um aprofundamento na análise do universo da Mafalda, uma aproximação da realidade argentina, sistematizando alguns elementos que consideramos fundamentais para produzir conhecimento sobre determinado tempo histórico, formas de viver, modos de sentir e maneiras de relacionar-se. Cada tirinha corresponde a uma problemática, mas ao mesmo tempo está condicionada por outras determinações na esfera cultural, política e econômica e vislumbra-se neste movimento a possibilidade de identificar quais componentes compreendem a conservação de sua atualidade e que problemáticas universais e atemporais são transmitidas através destas tirinhas.



Para isso, o ponto de partida desta pesquisa é a análise de um documento, neste caso a obra de Quino, que tomamos como um monumento histórico, que guarda fragmentos de tempos-espços sociais. (LE GOFF, 1995). Apresenta-se como proposta de estudo o aprofundamento da leitura e a análise da obra de Joaquín Salvador Lavado, intitulada Mafalda, que tem em sua composição um grande número de textos em forma de tirinhas, em sua maioria, uma mistura de imagens e registros escritos representando diálogos de diferentes personagens. E foi justamente o fato de ser uma representação da interação humana com a sociedade real percebida pelo autor que motivou a pesquisa e análise da questão social através desta forma particular de representação. Outro fator de motivação de tal trabalho, que não está desvinculado do primeiro é o desafio proposto pela leitura de tais tirinhas, pois, mesmo sendo de grande penetração no cotidiano de leitura de muitas pessoas, nem sempre a interpretação e compreensão do texto é unívoca e homogênea, possibilitando outro relacionamento das massas com a arte, dotando-a de um instrumento eficaz de problematização das estruturas sociais.

“É como se a obra de arte, operando uma mediação entre nós e o mundo, acabasse nos fornecendo a possibilidade de vínculo imediato com ele, não obscurecida pela abstração conceitual, lógica. A experiência estética parece apontar para uma transcendência, uma ultrapassagem daquilo que nossos sentidos podem perceber e que nossa razão pode pensar.” (FREITAS, 2003, p. 44)

A escolha metodológica para a realização deste trabalho se configura como uma pesquisa bibliográfica, compreendendo um estudo de caso documental, uma vez que trabalhamos com uma fonte documental específica composta de textos e ilustrações, o livro “Toda Mafalda”, de Quino, publicado no Brasil em 1993 pela editora Martins Fontes.

O presente trabalho contemplou a leitura de todas as tirinhas de Quino publicadas no Brasil em português, a criação de categorias de análise (temporalidade, assuntos, entre outros) e a discussão destas categorias. Embora tenha sido produzida originalmente em língua espanhola, encontramos na versão em língua portuguesa para o público brasileiro subsídios necessários à proposta de análise defendida.

Segundo Queiroz (2008), são múltiplas as interpretações possíveis dos documentos, cada qual constituindo a expressão das peculiaridades de um estudioso e de uma dada realidade social e de suas intenções de “interpretações que poderão ser inclusive antagônicas, conflituosas e mutuamente exclusivas”.

No caso de uma pesquisa documental, as relações estabelecidas entre o documento e o pesquisador são multifacetadas, uma vez que a compreensão de uma obra se faz com a compreensão de seu contexto de elaboração e também no contexto do leitor. São as indagações do leitor/pesquisador que conferem relevância social ao documento e a pesquisa.

“O Esclarecimento comporta-se como o ditador comporta-se com os homens. Este os conhece na medida em que pode manipulá-los. O homem da ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que o seu em-si torna-se para-ele. Nessa metamorfose a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação.” (ADORNO, 1985, p. 20)

Desta maneira, a relação entre o pesquisador e o documento é de grande relevância, pois para o pesquisador o documento passa a ser entendido como parte de construções históricas que expõem características políticas, sociais e culturais da humanidade.

Compreendendo o documento não como algo isolado no tempo e no espaço, mas como um produto de ação humana inserido em relações sociais, a análise do documento, assim como o próprio documento, moldam-se as perspectivas teóricas do pesquisador.

“O que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.” (LE GOFF, 1995, p. 535)

A pesquisa como atividade humana e social traz consigo uma carga de valores, de preferências, interesses e princípios, onde o pesquisador não se ausenta como indivíduo, uma vez que os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear a sua abordagem de pesquisa, e conseqüentemente a metodologia utilizada.

Nesse sentido, este trabalho faz inúmeras tentativas de estabelecer um diálogo entre o real, a obra e as minhas percepções como leitora/apreciadora. Entender a Mafalda como mediadora do mundo que ela nos apresenta.



CAPÍTULO I – O autor e sua obra

O QUINO da Mafalda!



Foi aos 7 anos, ao ingressar na escola primária, que o argentino Joaquín Salvador Lavado descobriu que não se chamava Quino. Haviam lhe dado esse apelido logo após o nascimento, em 1932, para que não fosse confundido com seu tio Joaquín Tejón.

O cartunista Joaquín Salvador Lavado, o Quino, nasceu no dia 17 de Julho de 1932 na cidade de Mendoza, Argentina, filho de um casal de imigrantes espanhóis. Ainda muito jovem perde os pais. Desde muito cedo sofreu influência de seu tio Joaquín Tejón, pintor e desenhista publicitário. Além do primeiro nome, Quino compartilhou com ele desde cedo a aptidão para o desenho.

Ao final da escola primária, Quino matricula-se na Escola de Belas Artes, e enquanto retratava vasos e naturezas mortas, o jovem descobriu a revista de tirinhas “Rico Tipo” uma publicação dedicada ao humor que durou de 1944 a 1972, e decidiu que queria ver seus desenhos publicados nela, após decidir focar seus esforços na carreira de desenhista publicitário e cartunista. Nesta mesma época, motiva-se a tentar carreira em Buenos Aires.

Tendo realizado poucos projetos profissionais e com as dificuldades encontradas na cidade grande, Quino volta a Mendoza, cumpre o serviço militar, período o qual o próprio autor nomeia de ruptura, interferindo na sua visão da realidade e refletindo diretamente nas suas criações. Após este tempo volta a Buenos Aires para definitivamente focar-se na sua carreira de desenhista de humor e assim, no ano de 1953, consegue realizar seu primeiro trabalho para a revista “Esto Es”, uma série de tiras, iniciando neste ano sua extensa trajetória profissional.

Já no ano de 1957, consegue publicar regularmente como cartunista em importantes mídias impressas argentinas, como na revista “Rico Tipo”, um objetivo que desejava desde sua primeira tentativa profissional em Buenos Aires.

No ano de 1960, Quino se casa com Alicia Colombo, sua companheira até hoje e foi na lua-de-mel que o artista realiza sua primeira saída da Argentina, ao Brasil para a cidade do Rio de Janeiro.

Além de conhecer a cidade, Quino aproveita para fazer contatos com editoras brasileiras e conhecer o pessoal da revista “O Pasquim”, por ser grande admirador dos cartunistas brasileiros, entre eles Ziraldo, Millôr e Jaguar. Quino citou em diferentes momentos de sua trajetória profissional a importância dos artistas brasileiros para a identidade do humor latino americano.

No ano de 1963, são reunidos numa publicação sob título de “Mundo de Quino”, seus primeiros trabalhos. É o primeiro livro publicado com seus desenhos gráficos, que são em sua maioria uma sequência de tiras em que não há textos escritos, os desenhos falam por si.

Após a publicação de seu primeiro livro e dez anos publicando seus desenhos de humor, que continuará a criar ininterruptamente até hoje, no ano de 1964 surge a sua mais famosa criação: Mafalda.

Atualmente, mais de 30 anos após ter encerrado a produção das tiras da Mafalda, Quino continua fazendo tiras que abordam temas como a vida moderna, o poder e a corrupção. Mas elas não têm personagens fixos, como nas tiras da Mafalda.

As tirinhas de Quino caracterizavam-se por sua percepção irônica, crítica e cortante. Mafalda encara o mundo ao seu redor sob a perspectiva do gênero. Ela é menina, mulher e muito observadora dos fatos, das relações humanas e das opções políticas. Talvez seja este foco do olhar que tornou a obra de Quino transnacional e atemporal. Ela resiste em tempos e espaços diferentes de sua produção.

A MAFALDA de Quino!



A origem desta personagem situa-se especificamente na cidade de Buenos Aires, na Argentina, quando uma agência de publicidade convida Quino a criar uma sequência de tiras para difundir, no formato propagandístico, mas disfarçando o objetivo comercial, a envolver o

consumidor num recurso estético atraente, os produtos de uma empresa de eletrodomésticos. A empresa exigia que os personagens deveriam ser adultos e crianças, que pudessem ser identificados como uma típica família da classe média Argentina e que o nome da personagem principal fizesse alusão à marca “Mansfield”.

“O surgimento de Mafalda, ironicamente, não teve nada de crítico ou contestador. Ocorreu para estimular a venda de eletrodomésticos Mansfield. A idéia da empresa era camuflar os produtos numa tira. A proposta caiu nas mãos de Quino, que idealizou uma família típica e uma menina que tinha no nome a mesma inicial da marca que deveria comercializar, atendendo a pedido do contratante. A série foi oferecida ao Clarín, mas o jornal recuou ao perceber a estratégia comercial.” (RAMOS, 2010, p. 19)

A idéia não foi utilizada na campanha publicitária e a nova criação de Quino teve de passar um tempo arquivada. Ainda no ano de 1964, Quino publica três tiras de sua nova personagem em “Gregório”, um suplemento de humor da revista “Leoplán”, assim a nova personagem chama a atenção dos leitores e dos jornais da época e com isso o semanário “Primeira Plana”, de Buenos Aires, começa a publicar Mafalda regularmente.

A partir de setembro de 1964, Mafalda passa a integrar semanalmente o Jornal “Primeira Plana”, com sua abordagem cotidiana e inovadora, abordando as polêmicas da sociedade Argentina que refletiam as polêmicas mundiais, em seus diferentes aspectos econômico, social e cultural, sendo a origem da famosa produção das tiras da Mafalda que se estenderam por quase dez anos.

“O fracasso da campanha Mansfield e a grande amizade que unia Quino a Julián Delgado, chefe de redação da revista “Primeira Plana”, falecido quando era diretor de “Mercado” – em 4 de julho de 1978 – determinaram a formalização de Mafalda como tira. Delgado intuiu que ela poderia fazer sucesso entre os leitores de “Primeira Plana”. Conversou com Quino, que se incorporou à publicação. Mafalda foi lançada oficialmente como tira em 29 de setembro de 1964 em “Primeira Plana”, onde foi publicada até março de 1965. Durante esse período, Quino produziu 48 tiras, a um ritmo de duas por semana. (LAVADO, 2001, p. 11)

Neste período inicial os personagens eram somente Mafalda e seus pais, como no esboço original, e foi em janeiro de 1965 que aparece pela primeira vez Filipe.

Em março de 1965 um jornal do interior solicita uma tira do “Primeira Plana” e Quino, ao tentar obter de volta os originais para enviá-los, toma conhecimento que o jornal considerava as tiras publicadas como de sua propriedade, porém o artista recupera os originais e neste momento rompe com o jornal e consequentemente com o amigo Julián Delgado. Após a ruptura com o semanário “Primeira Plana” as tiras da Mafalda passam a integrar o diário “El Mundo”.

Entre os jornais editados na capital Argentina neste período, “El Mundo” era um dos mais populares e independentes e, reconhecendo o sucesso de Quino, amigos próximos lhe indicam ao diretor do jornal, que ainda no mês de março de 1965 reinicia a publicação de Mafalda. De março de 1965 a dezembro de 1967 as tiras de Mafalda e sua turma são publicadas diariamente no jornal “El Mundo” até seu fechamento definitivo.

“Foi esse o verdadeiro lançamento de Quino”, afirma Miguel Brascó, amigo de Quino que interveio junto ao “El Mundo” para que as tiras prosseguissem. Neste período as tiras começam a ser publicadas também em jornais menores pelo interior do país e o sucesso é imediato.

De um semanário como era o “Primeira Plana”, Quino passou a publicar tiras cotidianas num jornal diário, isto lhe permitiu abordar temáticas bastante pontuais, problemas atuais passaram a fazer parte das tiras, a se refletir nas relações familiares e nas brincadeiras da personagem.



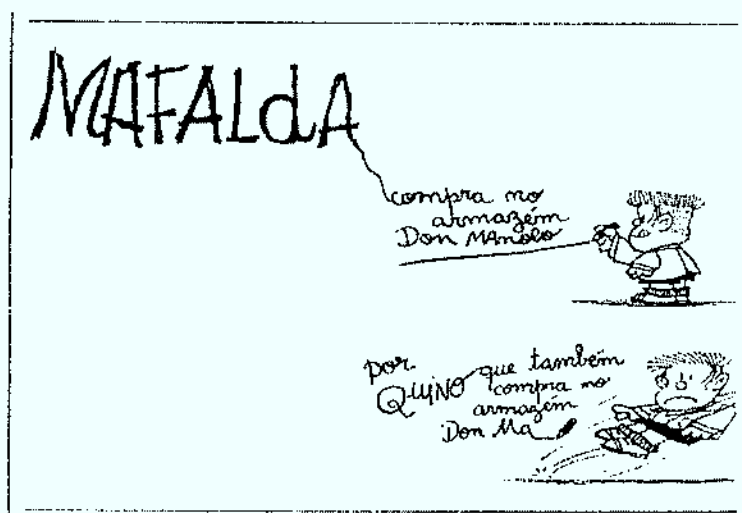
Assim que iniciou a produção quase diária das tiras, Quino percebeu que precisaria de mais personagens para enriquecer os tirinhas e no final de março de 1965 apareceram Manolito – Manoel Goreiro – inspirado no pai de Julián Delgado, proprietário de uma padaria em Buenos Aires e no mês de junho de 1965 surgia Susanita – Susana Beatriz Chirusi – que não foi inspirada em nenhuma pessoa conhecida do artista.

Com repentino fechamento do jornal “El mundo” em 1967, já com um novo personagem a caminho, o irmão de Mafalda, Guile – inspirado em um sobrinho do autor – que não chegou a aparecer, a trajetória de Mafalda no “El Mundo” se encerra com sua mãe grávida.

Após seis meses do fechamento do jornal “El Mundo”, nenhuma outra publicação se interessou por Mafalda. Nesse período Quino publicava uma página de humor em “Siete Días Ilustrados”, semanário surgido em 1967. As tiras da Mafalda são substituídas pelas páginas de humor.

Mafalda apareceu pela primeira vez em “Siete Días Ilustrados” em 2 de junho de 1968, numa página que incluía quatro tiras. Diferentemente do que acontecia num jornal diário, na revista a página devia ser entregue quinze dias antes da data de publicação. Essa mudança impedia que o autor acompanhasse a atualidade tão de perto. (LAVADO, 2001, p. 47)

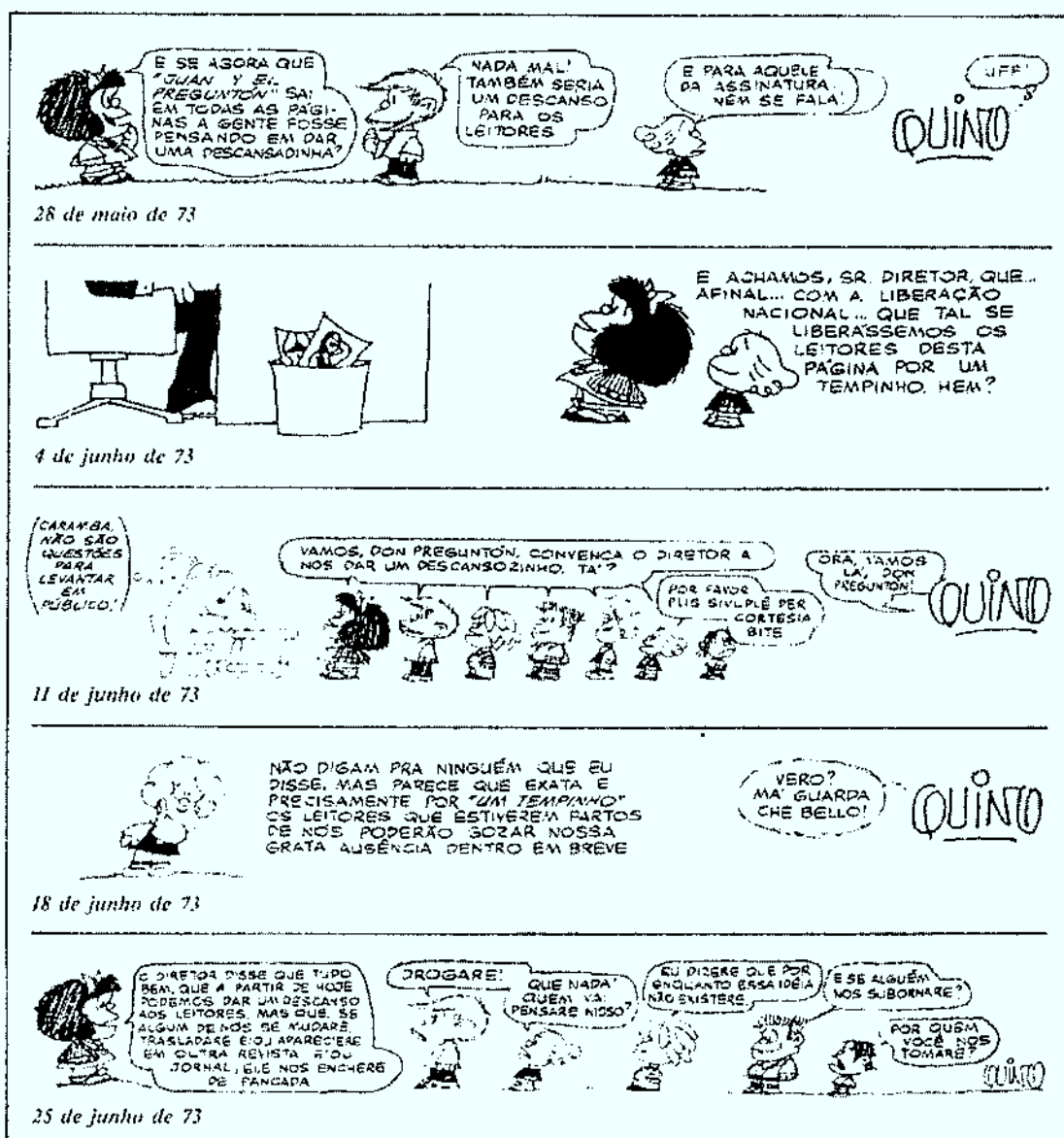
Para completar a diagramação da página, Quino passou a encabeçá-la com um pequeno desenho, que muitas vezes dialogava com ele mesmo. A maior parte desses desenhos, junto com as tiras de fim de ano, não foi incluída nos livros.



O reconhecimento internacional da personagem começou a se consolidar e nesta época Mafalda já era editada na Itália, com o nome de “Mafalda, la contestaria” [Mafalda, a contestadora].

Com uma carta-curriculum dirigida ao diretor da revista escrita por Sérgio Morero, Mafalda faz sua primeira aparição em "Siete Días Ilustrados", seu irmão já havia nascido e em 1970, a personagem Liberdade foi incorporada a tira.

No ano de 1973, os personagens começam a se despedir dos leitores. Isto não se observava nas tiras, mas apenas nos desenhos dos cabeçalhos que o autor havia incluído para completar a diagramação da revista, a última tira foi publicada em 25 de Junho de 1973.



O sucesso de Mafalda foi imediato, após dois anos de seu lançamento nos jornais argentinos o editor Jorge Alvarez publica o primeiro livro que reúne as tiras publicadas no jornal, a edição lançada no Natal de 1966 com 5000 exemplares esgota-se em dois dias. Tem

início a publicação anual das tiras e também coletâneas, em um total de dez livros que constituíram a obra do autor, intitulada “Mafalda”, até o momento.

No ano de 1973, o autor despede-se formalmente dos leitores de “Siete Días Ilustrados”, a última publicação que acolheria Mafalda. Encerrando um ciclo quase diário de produção das tiras, Mafalda só voltará a ser desenhada em ocasiões especiais. Quino alegava que não tinha mais motivação e criatividade suficientes para dar continuidade ao personagem e às suas histórias com a mesma originalidade e ineditismo de antes. Mesmo assim, Mafalda continua a aparecer em momentos especiais sempre quando solicitada sua presença e a manifestação do seu autor ocorre em campanhas que envolvem projetos educacionais, culturais, sociais e de solidariedade em todo o mundo.

Quem é a Mafalda?



Mafalda é a filha mais velha de uma família de classe média Argentina, aparenta idade entre 5 e 6 anos, mora com os pais e o irmão mais novo, convive com um grupo pequeno de amigos com quem divide sua infância e seus dilemas.

Embora disserte sobre temáticas universais, a realidade cotidiana da personagem é circunscrita basicamente pela relação com seus pais, o irmão e alguns amigos, cada um deles representando um aspecto da sociedade percebido e representado pelo autor.

Os pais:



Os pais apareceram pela primeira vez em Setembro de 1964, junto com Mafalda, sua mãe se chama Raquel, o sobrenome e nome do pai são desconhecidos e os dois têm em torno de 35 anos.

Representam um típico casal de classe média. Ambos são passivos quanto à realidade social. O pai trabalha numa seguradora e a mãe abandonou a universidade para formar uma família, ser mãe e dona-de-casa, atitude que Mafalda critica sempre que pode. Eles têm uma fraqueza em comum: os questionamentos de Mafalda e Guile.

Filipe:



Filipe foi o primeiro amigo de Mafalda a aparecer nas tiras, em 19 de janeiro de 1965. Morador do mesmo prédio, é o contraponto da protagonista. É o amigo sonhador, tímido, preguiçoso e às vezes romântico. Não gosta de ir à escola, fazer tarefas e é fã de histórias em tirinhas.

Manolito:



Manolito fez sua primeira aparição em março de 1965, um dos poucos personagens que carrega a família: o pai e o irmão, uma única vez, e que é de conhecimento seu sobrenome, Goreiro. Bruto e ambicioso, sabe claramente o que deseja para o futuro, ser dono

de uma grande rede de supermercados. Trabalha desde pequeno no armazém do pai e se divide entre trabalhar, estudar e brincar com os amigos.

Susanita:



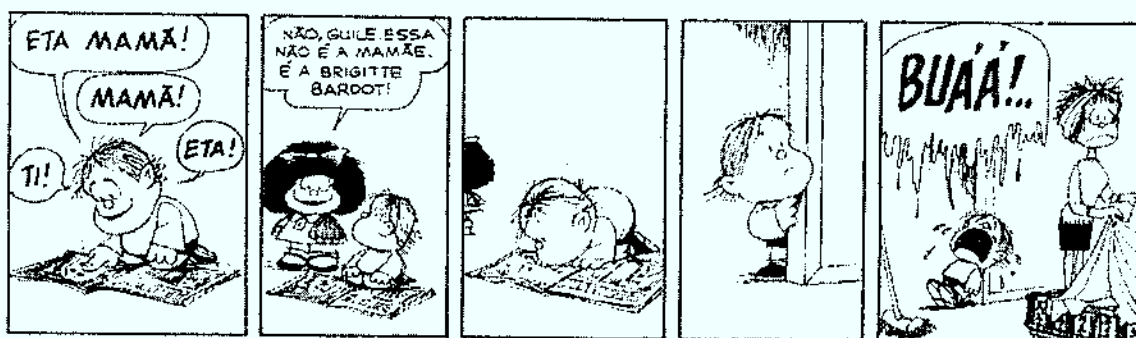
Susanita fez sua primeira aparição em junho de 1965, como Manolito, e também são conhecidos seus familiares: pai, mãe e seu nome de família: Susanita Clotilde Chirusi. Fofoqueira, egoísta e conflituosa sempre está alheia aos dilemas do mundo. Enquanto Mafalda personifica a mulher emancipada que busca uma sociedade mais justa e igualitária, Susanita incorpora a visão arcaica do papel da mulher na sociedade, o que ocasiona frequentemente atritos entre as duas. São duas visões de mundo que configuram diferentes limites e possibilidades à inserção social da mulher.

Miguelito:



Miguelito surge pela primeira vez no verão de 1966, aparece repentinamente na praia durante uma viagem de férias da protagonista, agregando-se posteriormente à tira. É mais novo que os outros amigos do grupo. Representa a inocência personificada, sonhador como Filipe, apesar de ser mais egoísta e menos tímido. Detesta ter a idade que tem e se considera o centro do mundo.

Guile:



O irmão mais novo, Guile faz sua primeira aparição em junho de 1968, assume um pouco da relação contestatória da irmã em relação aos pais, passando a ser transgressor das regras familiares. Coloca Mafalda na situação embaraçosa de ter que lhe responder perguntas que a mesma anteriormente direcionava aos pais e é o único personagem que muda com o tempo, aparece bebê e depois com idade entre 2 e 3 anos.

Liberdade:



A última personagem a entrar nas tiras, Liberdade faz sua primeira aparição em 1970. Sua principal característica é a afinidade com Mafalda, ambas compartilham diversos dilemas sobre a sociedade e os problemas contemporâneos em geral, apesar de Liberdade ser menos tolerante. Liberdade vem de uma família socialista, militante, cuja mãe exerce outra atividade além de ser dona de casa e mora num pequeno espaço, o que sugere que sua condição econômica é mais difícil que a dos demais personagens. Entretanto, Quino a batiza com o nome Liberdade.

Esses são os personagens que no convívio com Mafalda, constroem diálogos emblemáticos, despertando nos leitores um incômodo pertinente à sociedade contemporânea. Perguntamos: de que maneira esses personagens estereotipam, ironizam, questionam o real?

CAPÍTULO II – A pesquisa

Mafalda no Brasil



Provavelmente o primeiro contato dos brasileiros com a personagem Mafalda de Quino se deu pela revista “Patota”, da editora Artenova, do Rio de Janeiro, no início da década de 70, esta revista focava-se na publicação de tiras internacionais, principalmente as vindas dos Estado Unidos, Mafalda sempre dividia o destaque com Charlie Brown, criação do estadunidense Charles M. Schulz.

O cartunista argentino foi o primeiro a ter toda a obra publicada no Brasil, por meio de coletâneas no início da década de 80, inicialmente em edições de bolso publicadas pela editora Global, depois pela Martins Fontes, de São Paulo, editora das obras de Quino até hoje no país. Isso contribuiu para que Mafalda fosse a personagem mais conhecida das tirinhas argentinas entre os leitores brasileiros.

“Toda Mafalda”, publicada pela primeira vez no Brasil no ano de 1991, coletânea que reúne todas as tiras do cartunista Quino, publicadas nos principais jornais argentinos, foi incluída no ano de 2006 no Programa Nacional Biblioteca Escola, do governo federal, para ser distribuída em bibliotecas escolares de todo o país. Neste sentido, a repercussão da obra de Quino ganha visibilidade nacional, podendo ser utilizada como material de leitura nas atividades da escola pública.



Conhecendo a Mafalda

Foi com este material disponível nas bibliotecas públicas a partir de 2006, que a personagem Mafalda surgiu no meu cotidiano, emprestado por uma professora da rede pública estadual. Os primeiros contatos foram de grande estranhamento, devido a todas as particularidades desta personagem, porém foi a partir deste outro olhar sobre a realidade que foram suscitadas diferentes indagações sobre a realidade não só social e cultural da sociedade

contemporânea deste início de século, mas também sobre as minhas formas particulares de compreender o mundo. Suscitou deste primeiro contato uma reflexão sobre a inclusão desta obra nas bibliotecas escolares, um avanço político e ideológico na compreensão da realidade, o que significa ter acesso a esta obra para professores, alunos e toda a comunidade escolar?

Por que tratar Mafalda como um objeto de pesquisa?

“O trabalho de leitura é, em grande parte, um processo de produção de sentido no qual o texto participa mais como um conjunto de obrigações (que o leitor toma mais ou menos em consideração) do que como uma estrita mensagem. A partir de então, pensamos poder mostrar que as inferências inerentes ao ato léxico apóiam-se mais sobre a capitalização cultural específica de cada leitor do que sobre a aprendizagem escolar de uma técnica de decifração.” (CHARTIER, 1996, p. 37).

Neste sentido, a partir de Bakhtin (2000) – os gêneros são regulados e constituídos sócio-historicamente, desta forma, o homem apenas os utiliza como instrumento de seus ideais – salienta-se que um gênero necessita de seu contexto para fundar uma identidade, sendo necessárias múltiplas relações entre o tempo e espaço para que se consolidem como produção artística, literária e midiática. Sendo assim, inquietações provocadas pelas leituras diárias foram construindo-se como um problema de pesquisa. Com isso, vieram as discussões de como fazê-la.

As tiras da Mafalda consolidam-se como uma expressão crítica e política da sociedade, questionando as relações sociais, o Estado e todas as instituições criadas e legitimadas pela mesma. Objetiva-se compreender em que medida as temáticas desenvolvidas pelas tiras dizem sobre o consciente político de uma geração e elaborar hipóteses sobre como o criador destas, no caso o argentino Quino, pensa a sociedade moderna e a socializa.

Algumas escolhas: a metodologia



O desenvolvimento da pesquisa monográfica ancorou-se basicamente em duas estratégias de investigação:

1 – A pesquisa bibliográfica, compreendendo as fontes documentais –as tirinhas da Mafalda publicadas em português, bem como autores e obras das ciências humanas que auxiliassem na leitura, análise e interpretação das tiras cômicas de Quino.

2 – O método de análise de conteúdo como recurso de descrição, classificação e categorização das tiras cômicas de Mafalda.

O trabalho pode ser considerado de natureza exploratória e compreende a análise de conteúdo, como prática sócio-cultural. Realizou-se o levantamento do acervo referente ao tema estudado, neste caso, toda a obra de Quino com a personagem Mafalda publicada em português brasileiro, que está concentrada num único volume intitulado “Toda Mafalda”.

No caso de uma pesquisa documental, baseada em fontes escritas, neste caso também com imagens, o intuito é colocar o pesquisador em contato com o que foi produzido, compreendendo as relações multifacetadas estabelecidas entre o documento, o produtor e o pesquisador. São as indagações do leitor/pesquisador que conferem relevância social ao documento e a pesquisa.

“Em outras palavras, o escritor suporá uma competência por parte do público, e é com essas suposições que o analista precisa engajar-se, empregando, reflexivamente, os seus próprios entendimentos culturais paralelamente a um entendimento do contexto no qual o documento foi produzido”. (MAY, 2004, p. 225)

Ao observarmos as tirinhas fora de seu suporte material tradicional, neste caso fora de jornais e revistas, reconhecemos as tirinhas como um gênero midiático próprio, representativo da realidade, com liberdade artística para realizar críticas e denúncias que normalmente não aparecem em outros textos dos jornais e das revistas. As tiras são uma captação do imaginário coletivo que apontam outros olhares às instituições políticas formais e à sociedade.

Com a personagem Mafalda, de Quino, esta relação é ainda mais abrangente, pois embora não tenhamos nascido na Argentina e não sendo os leitores dos jornais que a publicavam na década de 60 e 70, conseguimos compreender e visualizar a realidade tratada pelo autor. As temáticas abordadas pelas tiras encontram ressonância atualmente, quase cinquenta anos depois de serem lançadas no país vizinho e em vários outros países.



Objetivando desvendar conteúdos e levantar hipóteses de significados sobre esta fonte de conhecimento, optou-se por dividir este estudo em dois grandes momentos. Num primeiro momento, procedeu-se a leitura, descrição e análise das tiras cômicas, identificando categorias para as diferentes temáticas compreendidas e organizando as tiras a partir destas categorias geradoras. Num segundo momento, buscaram-se aportes teóricos, no campo das ciências humanas, que auxiliassem na compreensão e aprofundamento das hipóteses, temáticas, problemáticas significativas identificadas no primeiro momento. Neste sentido, pretende-se suscitar a reflexão sobre as diferentes possibilidades de leitura deste material e em que medida esta obra suscitou e suscita inquietações conflitantes, antigas e atuais.

As tirinhas da Mafalda apresentam características básicas pertinentes ao gênero, as tirinhas de jornais, gozam de uma linguagem autônoma, que se utiliza de mecanismos próprios para representar os elementos narrativos, são eventos curtos de três a quatro quadros, envolvem personagens fixos, e mesmo se tratando de personagens estereotipados, em sua maioria crianças que representam o que há de universal na condição contemporânea da sociedade, levanta-se a hipótese que por meio deste material é possível identificar representações diversas da sociedade.

Após a realização da primeira leitura deste material, partiu-se para o momento de releitura para extrair do texto as temáticas que identificávamos como as mais recorrentes e nomear em diferentes categorias apresentadas, ou seja, iniciou-se o processo de categorização ou sinalização de grandes enunciados que abarcam variados temas, tais como: mulher, escola, sociedade de consumo, sociedade moderna e relações pessoais.

Sendo assim, utilizamos como método de análise a pesquisa quanti-qualitativa, compreendendo que numa mesma pesquisa, o pesquisador pode adotar a perspectiva

quantitativa, neste caso a leitura, numeração, mensuração e organização em categorias de análise de todas as tiras da Mafalda, e a perspectiva qualitativa em outro momento, permitindo objetivar a compreensão que o pesquisador vai construindo sobre a realidade a partir de relações estabelecidas com o autor e sua obra e correlações de sentido sugeridas ou disparadas pelas tirinhas.

E é a partir desta perspectiva de pesquisa, que são elaboradas hipóteses sobre a apreensão do real percebidas na obra de Quino, tendo a Mafalda como uma personagem que convida à problematização da realidade.

CAPÍTULO III – O que esta menina tem a nos dizer?

Considerando que o objetivo deste trabalho é uma (re)leitura das tiras da Mafalda tendo em vista identificar temáticas relevantes e recorrentes da realidade social retratadas por Quino, optou-se pela metodologia da análise de conteúdo, como já dito anteriormente. Um esforço de leitura flutuante das tirinhas objetivando entendê-las, identificando as temáticas recorrentes, os efeitos de sentidos possíveis e a organização de categorias temáticas tendo em vista sua conexão com o campo da Educação.

O processo de aproximação e distanciamento da fonte documental e iconográfica das tirinhas da Mafalda permitiram a construção de categorias, que propomos como compreensivas dos aspectos da realidade que destacamos na obra. Foram construídas categorias pertinentes à análise da fonte e que permitiram criar uma caracterização pontual sobre que aspectos da realidade constituem a obra.

A leitura recorrente das tirinhas, conforme as fases da análise do conteúdo, e a seleção das unidades de análise que resultaram em temas, levaram a construção das seguintes temáticas: relações humanas, escola, mulher, sociedade de consumo, sociedade moderna e relações internacionais, que num segundo momento foram compreendidas como paradigmas da sociedade moderna contemporânea, compreendendo que não há dissociação histórica entre as diferentes nomenclaturas definidas.

“De forma magistral Quino se utiliza do “mundo infantil” para criticar o “mundo dos adultos”, tendo como interlocutora uma menina (a questão de gênero assume um caráter altamente contra-hegemônico, sobretudo por se tratar dos anos 60) de 6 anos e seus amigos. Ou seja, a crítica a sociedade argentina da segunda metade do século XX, sem perder de vista a conjuntura político-econômica mundial, valendo-se de “vozes” que são inocentes e pueris, mas que ao mesmo tempo são as únicas vozes “autorizadas” a falar, numa Argentina mutilada pelo autoritarismo dos diversos regimes civis-militares que ocuparam a cena política do último século.” (OLIVEIRA, 2006, p. 3)

O pano de fundo para as polêmicas suscitadas nas tirinhas é a sociedade contemporânea ocidental ambientada na Argentina da década de 60, ou seja, Quino trata da realidade cotidiana da classe média, utilizando crianças para dialogar com os dilemas da realidade percebida por ele.

Compreende-se como “Sociedade Moderna”, precursora da sociedade contemporânea, o processo histórico iniciado e consolidado durante os séculos XVII, XVIII e XIX, através de um novo modo de produção de bens materiais e simbólicos que consolida uma nova forma de organização do trabalho, das relações de poder e das relações sociais.

Nesse sentido, não há como concebermos as polêmicas levantadas pela personagem como uma propriedade natural e autêntica da sociedade argentina, uma vez que a sociedade moderna contemporânea está em constante movimento cultural global, por meio dos quais sujeitos e objetos se desvinculam de seu espaço e tempo inicialmente circunscritos para se reconfigurarem num espaço e tempo de seus interlocutores.

A genialidade de Quino está em abordar temas que continuam atuais, pois quase cinco décadas se passaram e Mafalda ainda questiona e dialoga com a realidade contemporânea da sociedade mundial.

Sendo assim, quais polêmicas suscitadas pela personagem mais dialogam com a minha realidade de mulher trabalhadora, estudante de pedagogia, brasileira no século XXI?

Mafalda e a sociedade moderna contemporânea.



Embora tenha sido criada na década de 60 e publicada por quase dez anos, como dito anteriormente, as críticas que emergem da realidade da Mafalda encontram ressonância nos dias atuais.

A realidade exposta pela obra leva-nos a refletir sobre a realidade auto-contraditória da modernidade abordada nas tiras (BERMAN, 1998). Neste sentido se faz notável que Mafalda volta-se contra si mesma, questiona e nega tudo que está a sua volta, transforma-se a si mesma em indivíduo de sua compreensão histórica, dialogando com uma realidade que está impregnada de seu contrário.

Para Berman, Marx, em seu Manifesto Comunista, além de abordar o papel histórico da burguesia revolucionária e seu papel crucial nas transformações políticas, econômicas e sociais na Europa dos séculos XVIII e XIX, afirma que: “todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo na antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas; todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profano, e os homens finalmente são levados a enfrentar (...) as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos”. (Marx apud Berman, 1998, p. 20).

Com isso percebemos que a modernidade, ao mesmo tempo em que reconhece e legitimam as conquistas da burguesia, não deixa escapar a sua compreensão dialética da efemeridade deste novo percurso histórico, onde novas instituições aparentemente sólidas se desmancham no ar em decorrência do processo inacabado e constante de transformações econômicas e políticas.



O mérito de Marx – e que ambiciosamente aproximamos ao de Mafalda – é de compreender a natureza auto-contraditória da modernidade, demonstrando uma sensibilidade apurada ao perceber os limites ideológicos para a superação dos paradigmas deste movimento histórico. Para Berman, principalmente entre as décadas de 60 e 70 do século passado (período de publicação das tiras da Mafalda na Argentina), configurou-se “uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade”, uma espécie de impulso incontrolável que se volta contra não só aos seus agentes formadores, a burguesia, como também aos seus fomentadores culturais e intelectuais, e Mafalda é tudo isso: para Umberto Eco (2003), “uma heroína irascível que rejeita o mundo como ele é reivindicando seu direito de continuar sendo uma menina que não quer se responsabilizar por um universo adulterado pelos pais.”

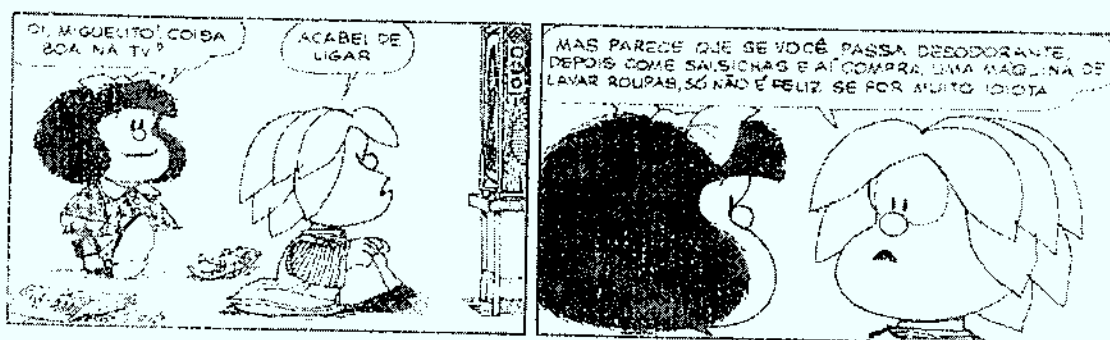
Portanto, um dos objetivos centrais ao compreender a condição auto-contraditória da modernidade, é visualizar nas tiras de Quino a denúncia de uma sociedade alienada, no que se refere às formas de dominação contemporâneas.



Neste sentido Mafalda é uma obra impactante no que diz respeito à abordagem das formas modernas de alienação, principalmente na alienação expressa do homem com sua própria natureza. Atribuindo a alienação como consequência das relações construídas na sociedade moderna, de consumo e na sociedade do espetáculo.

(...) o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente (...) Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos – o espetáculo constitui um modelo atual da vida dominante na sociedade. É afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. (DEBORD, 1996)

Um dos traços marcantes desta nova configuração da sociedade global diz respeito às transformações no universo das práticas de consumo, entendidas aqui como modalidade de distinção social, constitutivas do projeto moderno de sociedade. Na América Latina esse processo se dá principalmente com a consolidação da indústria do consumo no pós-guerra, que abrange não só a industrialização dos processos produtivos, mas também a modificação do estilo de vida, o apelo publicitário e a mídia criam novas necessidades, novos hábitos, mudando a dinâmica da sociedade, não só na esfera privada da família como também na organização das instituições e do próprio Estado.



A realidade da classe média Argentina, neste caso a família da Mafalda, expõe claramente os limites econômicos desta parcela da sociedade, e a recepção desta para os bens de consumo. Uma relação também auto-contraditória, pois o poder de compra (consumo) estabelece limites reais à integração dos indivíduos ao modelo “contemporâneo” da sociedade.

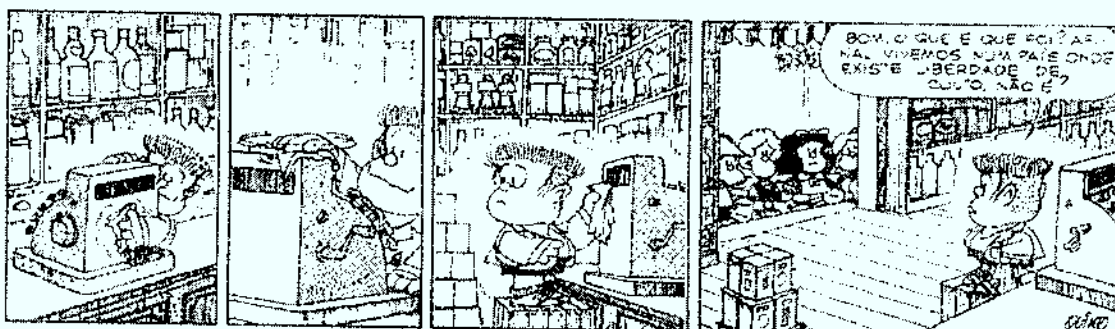


Entende-se o espetáculo como a cultura do consumo:

“O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência, a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada.” (DEBORD, 1997, p. 9)

Não há dissociação possível entre as diversas polêmicas presentes na obra. Elas se relacionam ao modo de vida moderno que atinge Mafalda, sua apreensão do mundo, das contradições de um modelo de sociedade desigual na sua essência e do papel dos atores sociais na manutenção deste mundo. As polêmicas de Mafalda suscitam críticas ao consumo, ao mesmo tempo em que o apresentam como característica orgânica da sociedade. Sendo

assim, não só todos os objetos constituem agora um sistema sinalizador de diferenciação cultural, como toda a vida social submete-se a lógica do consumo.

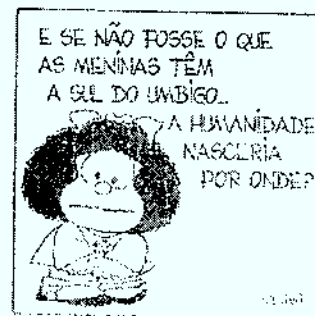


E é neste contexto de denúncia a uma alienação corrente, que a personagem trata de temáticas polêmicas e recorrentes numa sociedade dominada pelo espetáculo e a serviço do estado moderno capitalista.



Sendo assim, a condição da mulher abordada nas tiras, também suscitaram e suscitam diferentes reflexões, já que mais uma vez, o fator tempo e espaço não interferiu na interpretação e nas reflexões suscitadas. A mulher na sociedade contemporânea tem muitas afinidades com a condição das mulheres tratadas nas décadas de 60 e 70 por Quino. Pelo fato de ser uma menina, e não um menino, Mafalda já começa subvertendo as lógicas do quadrinho e da vida, dando espaço para questões de gênero. Se antes as mulheres eram vistas como coadjuvantes ou figuras secundárias, Mafalda torna explícito o contrário: ela é mulher, criança e personagem principal.

Outro aspecto importante apreendido na compreensão da obra está no trabalho do autor com os estereótipos, ou seja, dentre a gama de personagens, conseguimos identificar qual a problemática central desenvolvida por aquele personagem devido à recorrência temática e, com isso, percebemos a criação de atores sociais específicos para a discussão dos diferentes dilemas apresentados. Levanta-se a hipótese que estes personagens foram criados tendo em vista suas especificidades, defeitos e qualidades destacadas no decorrer das tirinhas. Embora este trabalho não se proponha a explicar ou analisar cada personagem em sua particularidade, ressaltando inúmeras publicações atentas a esse aspecto, não há como excluir os estereótipos de mulheres nos personagens femininos da obra. E como a partir deles provoca-se uma reflexão sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea.



Mafalda transita entre os dilemas de gênero, tendo como interlocutoras sua mãe, uma dona-de-casa que abandonou a faculdade para se casar e cuidar da família, assumindo o papel perante a sociedade burguesa de boa mãe e esposa, sua amiga Susanita, uma menina que aceita as condições sociais impostas às mulheres e tem como preocupações arrumar um bom marido e ser boa esposa, e por último tem a também amiga Liberdade, que compartilha das idéias da amiga Mafalda e expõe idéias ainda mais progressistas.

A mãe de Liberdade trabalha como tradutora e ajuda a completar a renda doméstica, pois o pai não consegue prover o sustento do lar sozinho, assim, a divisão do trabalho, compreendida desde sempre pela pequena menina é o grande fomentador de suas críticas a condição da mulher.

A fragmentação das lutas sociais sugere rupturas com as determinações sócio-históricas que incidem nas condições de vida. Analisar a vida social e a desigualdade de gênero sob uma perspectiva de totalidade significa considerar as determinações reais que incidem sobre as particularidades das lutas das mulheres.

A condição da mulher na sociedade moderna está relacionada às relações opressoras de todo um movimento histórico, pois não se concebe opressão à mulher isoladamente. E através da interlocução da Mafalda com outras “mulheres” (em sua maioria crianças como ela) é que são colocados os questionamentos em relação às diferenças entre homens e mulheres.

“Decreta-se simplesmente o estado de tutela e de inferioridade da mulher, a sua incompatibilidade para qualquer ato civil ou político do qual surgem todas as disposições de governo e de existência da sociedade; nega-se-lhe toda a instrução superior; chega-se, no desvario de um sistema absurdo, delimitar-lhe o círculo e gênero de ocupações e, depois de tamanho insulto à lógica e da mais clamorosa injustiça, prosternam-se os homens a seus pés, e em arrebatos de imaginação desengonçada e pervertida, cantam-lhe as excelentes virtudes, as miríficas prendas e o não menos invencível influxo. Que frementinos e que estultos são todos !”
(MARIA DA CONCEIÇÃO, In Moreira, s/d, p. 2).



São com impressões conflitantes sobre a condição da mulher que se estruturam a maioria dos conflitos entre Mafalda e sua mãe e entre sua amiga Susanita, duas interlocutoras diretas da discriminação e limitação cultural/social/profissional das mulheres.

Para Bourdieu (1999), não se deve desprezar o fato de a construção dos gêneros envolver o corpo, apesar da ênfase no caráter social das diferenças entre homens e mulheres. O autor defende a existência de um processo contínuo e histórico de reprodução, no qual práticas e estratégias determinam a construção social dos corpos, o trabalho coletivo de socialização do biológico simultâneo ao de biologização do social – perpetuado por indivíduos e instituições – e resulta em aparências biológicas incutidas nos corpos, que mascaram a arbitrária divisão dos gêneros nas sociedades.



Mafalda resiste às determinações femininas da sociedade e preocupa-se em não repetir as escolhas da mãe, colocando suas preocupações nas questões do mundo.

E nesta natureza auto-contraditória da própria obra, que atenta-se à educação escolar abordada nas tiras. Como são tratadas a escola, as relações com o conhecimento, as relações interpessoais na escola, entre outras.



Para compreendermos que aspectos do real relacionam-se com a obra, necessitamos compreender dentro do contexto construído até este momento neste trabalho, de que escola está partindo nossas reflexões.

A organização da sociedade não apenas se constitui de bens econômicos, como já vislumbrado anteriormente, mas também a partir da produção de bens simbólicos, modos de vida, de pensar, de agir que são transmitidos fundamentalmente pela condição de estar no mundo, consequência/causa das relações estabelecidas nas diferentes esferas de manutenção e de convivência, é nessa constante relação que determina-se a concepção do mundo. É através do consumo simbólico que se transmitem os bens simbólicos, ou seja, as diferenças econômicas são também as diferenças nos modos de usufruir desses bens.

Neste sentido a escola, enquanto espaço físico e simbólico, de concentração dos grandes conhecimentos acumulados pela humanidade, é uma importante centralizadora das relações dos indivíduos com os bens simbólicos. Sendo assim, a educação é antes de tudo o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência.

Para Durkheim (1973), a sociedade necessita para sua existência de uma suficiente homogeneidade. A educação perpetua e reforça esta homogeneidade, fixando desde muito cedo nos indivíduos as semelhanças essenciais que a vida coletiva supõe.

Nos anos 60, Bourdieu apresenta um novo modelo de interpretação da educação escolar, modelo este que compreendeu grandes e importantes reflexões sobre modelo de educação escolar moderno, suscitando discussões que anteriormente não eram incluídas nas pesquisas. Os novos estudos relacionam diretamente o desempenho escolar à origem social, como a perceptível frustração dos jovens das camadas médias e populares diante das falsas promessas do antigo modelo escolar, que endossam as novas hipóteses defendidas pelo teórico. Passa-se a atribuir à educação escolar a reprodução e legitimação das desigualdades sociais. O problema é que este quadro interpretativo não apresenta saída, ele ratifica a escola como reprodutora das estruturas econômicas existentes. Mafalda avança, ela não fica satisfeita com o diagnóstico da realidade existente, ela quer mudanças, transformações, novidades.



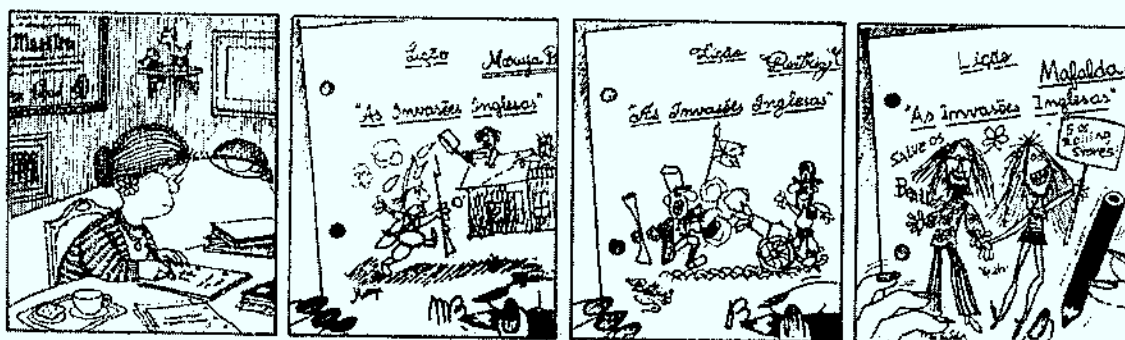
As relações que unem o sistema escolar à estrutura das relações desiguais na sociedade, estão inseridas também neste processo auto-contraditório da sociedade moderna. Devido ao fato de que elas correspondem a interesses materiais e simbólicos de grupos diferentemente situados nas relações de força, a escola tende sempre a reproduzir a estrutura de distribuição dos bens culturais, contribuindo para a reprodução da estrutura social, embora esteja carregada de ideais de emancipação, de igualdade e justiça social.

O sistema escolar reproduz, a nível social, as desigualdades sociais, as relações de poder, que não podem ser explicadas simplesmente por relações de consumo diferenciadas, mas como um projeto ideológico de manutenção do sistema social.

“para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças nas diferentes classes sociais.” (Bourdieu 1998, p.53).

E como Mafalda revela tudo isso?

A educação escolar abordada nas tiras da Mafalda, dizem muito sobre essa tentativa de homogeneização dos indivíduos, porém, Mafalda cumpre seu papel de questionadora das relações estabelecidas. Nas tiras percebemos uma atenção especial aos conteúdos, sempre desvinculados da realidade confrontada fora do ambiente escolar.



E também o papel da professora, sempre uma mulher, que se coloca diante da turma com seu “ar” fraternal, e transmissora de conhecimento, o que também reflete as relações de gênero abordadas anteriormente, o trabalho docente como uma extensão da maternidade, mas que mesmo travestido de tanta “afetividade”, reproduz as contradições da sociedade, as relações discriminatórias de gênero, de consumo, entre outras.



Por fim, Mafalda nos explicita, através de seu mundo imaginário, a contradição implícita à humanidade real nos últimos tempos, ambicionar compreendê-la é se colocar como sujeito em um mundo de não-sujeitos, de professora em constante luta contra as determinações contraditórias de sua profissão e de mulher numa sociedade masculinamente opressora.



Considerações Finais



Na retomada da minha proposta para este trabalho de conclusão de curso, elucida-se elaborar uma breve consideração sobre o encerramento deste primeiro movimento a partir das leituras da Mafalda.

Mais que um problema de pesquisa, Mafalda tornou-se um filtro, uma lente com a qual pude conceber as condições do mundo moderno contemporâneo sob a ótica da contradição. Deixar-se envolver por esta pequena menina é inquietar-se, questionar-se e recusar todo o projeto social vigente, conflitar-se para entender, para emancipar-se.

Certamente, reconheço as limitações existentes para abranger de forma mais complexa as relações existentes entre as análises realizadas e a compreensão que esta obra apresenta do real. Sendo assim, por mais que busque-se cercar o real significado imprimido pelas idéias, este estudo trata de um pequeno movimento neste sentido.

Alguns momentos na elaboração deste trabalho de conclusão de curso foram significativos para compreender porque Mafalda suscitou e suscita tanto estranhamento e sua natureza auto-contraditória, pois ela não tem respostas, mas perguntas ácidas, cabendo aos sujeitos em diferentes tempos e espaços sociais pensar e elaborar hipóteses para suas respostas e para novas perguntas numa constante interlocução com a obra.

A análise de alguns elementos da realidade contemporânea, entendida como um percurso histórico em curso a partir da Mafalda, explicita um esboço das potencialidades desta obra também para a compreensão da história de seu tempo e dos tempos de seus leitores. Vislumbra-se inúmeras possibilidades de trabalhos a partir desta personagem. Neste momento ambicionei fomentar ainda mais as discussões em torno desta personagem e visualizar a complexidade e a riqueza das tirinhas, principalmente a Mafalda, no estudo das ciências humanas, em especial para a educação.

Referências:

- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Organizadores: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ECO, Umberto. Mafalda ou a Recusa. In: **Toda Mafalda**. 7 Ed. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2001.
- FREITAS, Verlaine. **Adorno e a Arte Contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LAVADO, Joaquín Salvador (org.). **Toda Mafalda**. 7. Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- _____. **Mafalda Inédita**. 3. Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.
- MARIA DA CONCEIÇÃO. Reflexões sobre a mulher. In: MOREIRA, Nadilza M. de B. **Da Margem para o centro: a autoria feminina e o discurso feminista do século XIX**. IX Seminário Nacional Mulher e Literatura.
- MAY, Tim. **Pesquisa Social. Questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 205-230.
- OLIVEIRA, Carlos E. R. **Ideologia e contra-hegemonia no ensino de História**: Mafalda numa abordagem gramsciana. VI Colóquio Internacional Marx e Engels. Rio de Janeiro, 2009.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. A França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

QUEIROZ, Ma. Isaura P. de. **Análise de documentos em Ciências Sociais** (s.d.) In: Textos CERU. São Paulo: Humanitas, Série 2, no. 10, p. 119-146, 2008.

RAMOS, Paulo. **Bienvenido: um passeio pelos quadrinhos argentinos**. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2010.

